

Livros da Alice Oseman

SEM AMOR

Novelas da Alice Oseman

NICK E CHARLIE

Bandas desenhadas da Alice Oseman

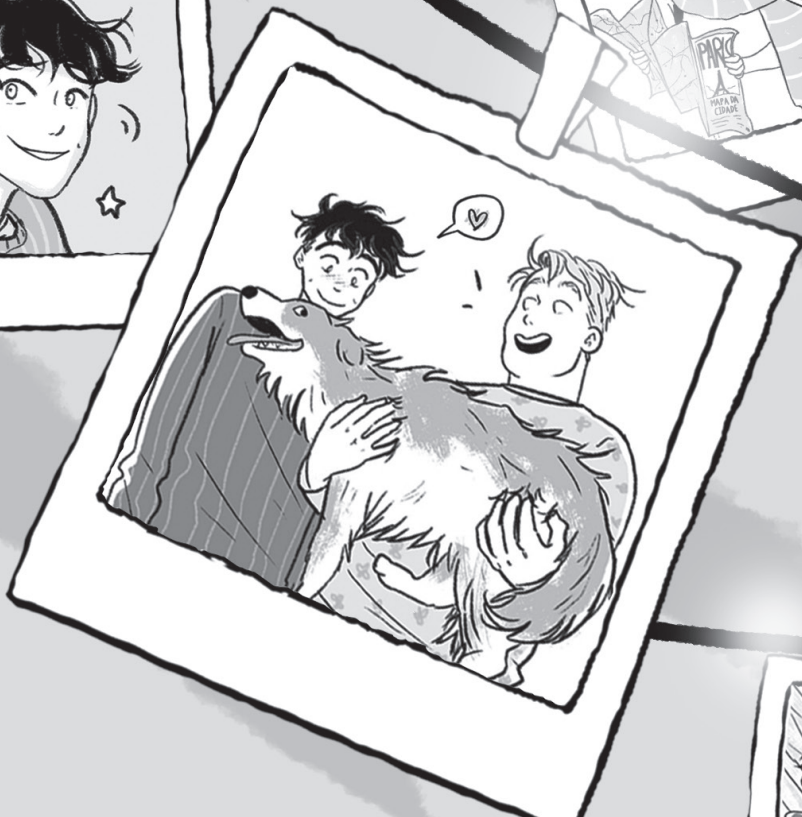
HEARTSTOPPER: VOLUME 1

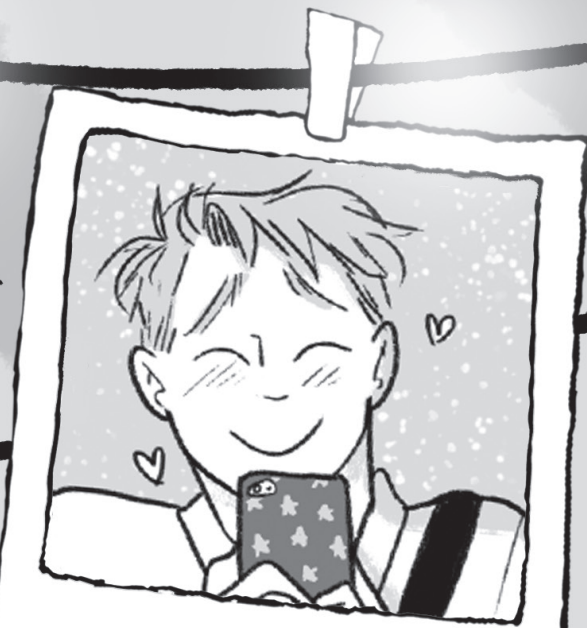
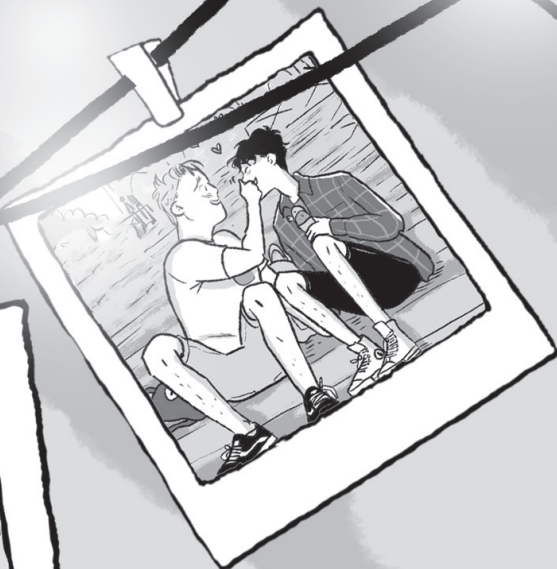
HEARTSTOPPER: VOLUME 2

HEARTSTOPPER: VOLUME 3

HEARTSTOPPER: VOLUME 4







— Sim, de facto, muito indiferente — diz Elizabeth, rindo. — Oh, Jane, tem cuidado.

— Minha querida Lizzie, com certeza não me pensas tão fraca que me encontre agora em perigo?

— Penso que estejas em grande perigo de o fazer amar-te tanto quanto possível.

Orgulho e Preconceito, Jane Austen

UM



Charlie

Tenho feito muitas coisas como presidente da Associação de Estudantes do Liceu Truham. Abusei do vinho na noite dos encarregados de educação. Fui fotografado três vezes com o presidente da câmara. Fiz, por acidente, um aluno do 7.º ano chorar.

Mas nada disso foi tão mau como ter de impedir todos os alunos do 12.º ano de aproveitarem o seu último dia de aulas — que é o que o diretor, o professor Shannon, está agora a tentar que eu faça.

Devo, provavelmente, mencionar que o meu namorado de há já dois anos, Nick Nelson, é um desses alunos do 12.º.

— Não te importas, pois não? — O professor Shannon apoia-se na mesa da sala comum, onde eu deveria estar a estudar para os exames em vez de ver concertos do Mac DeMarco no telemóvel. — Fugiu um pouco do controlo e acho que mais depressa te ouvem a ti do que a mim, entendes?

— Hum... — Olho para o meu amigo Tao Xu, sentado ao meu lado a comer um pacote de *Galaxy Minstrels*. Ele arqueia as sobrancelhas, como que a dizer: «É lixado ser-se tu.»

Não quero mesmo nada dizer que sim.

O tema deste ano do último dia de aulas do 12.º é *High School Musical*. Nos portões da entrada, por cima da placa do Truham, penduraram uma faixa gigante a dizer «East High School». Os computadores da escola têm estado a passar a banda sonora dos filmes; então, onde quer que se esteja, ouve-se uma música de *High School Musical* a vir de algum lado, mas nunca se tem bem a certeza de onde. Durante o intervalo, fizeram uma *flash mob* com a *What Time Is It* no campo de futebol. E todos vieram vestidos com equipamentos vermelhos de basquetebol ou de *cheerleader*. Infelizmente, o Nick escolheu jogador de basquetebol.

Para terminar, num detalhe em nada relacionado com o HSM, construíram um forte de caixas de cartão nos campos de ténis e organizaram um churrasco lá dentro.

— Só quero que parem com o churrasco — diz Shannon, obviamente a notar a minha relutância em entrar num forte de papelão para dizer a cento e cinquenta pessoas mais velhas do que eu que parem de divertir-se. — Cuidado e segurança, percebes? Se alguém se magoa, quem terá de lidar com pais zangados serei eu.

Ele ri-se entredentes. O professor Shannon tem vindo a confiar por completo em mim ao longo dos meus vários meses como presidente da Associação. É hilariante, porque é raro eu fazer o que ele me diz.

Manter tanto professores como alunos do teu lado. Não fazer inimigos, nem demasiados amigos. É o meu conselho para sobreviver à escola.

— Sim, claro, sem problema — digo.

— És um verdadeiro salva-vidas. — Aponta-me o dedo enquanto se afasta. — Não estudes demasiado!

Tao olha para mim, ainda a enfardar chocolate.

— Não vais mesmo enfrentar o pessoal do 12.º, pois não?

Rio-me.

— Não. Vou só ver o que andam a tramar e dizer-lhes que tenham cuidado com o Shannon.

O meu outro amigo, Aled Last, olha para mim do outro lado da mesa. Durante a última hora, tem estado a sublinhar as anotações de Matemática com marcadores coloridos.

— Podes trazer-me um hambúrguer?

Levanto-me e visto o *blazer*.

— Se tiver sobrado algum.

O 11.º ano já não tem aulas, para nos podermos preparar para os exames, e só aqui estou porque estudo melhor na escola do que em casa. O Tao e o Aled acham o mesmo. Mas nenhum de nós quer realmente estar aqui. É o dia mais quente que tivemos este ano até agora e só me apetece deitar-me em qualquer lado com um saco de gelo na cabeça.

O Nick e eu temos planos para o fim de semana. Ele está finalmente livre de aulas e eu vou fazer uma pausa nos estudos. Hoje é quinta; vou dormir em casa dele. Amanhã à noite, vamos à festa do Harry para todos os finalistas. Sábado, vamos à praia. Domingo, vamos a Londres.

Não é que já não passemos todos os fins de semana juntos.

Não é que não nos vejamos todos os dias.

Se há três anos me tivessem dito que aos dezasse-
te estaria numa relação de dois anos, ter-me-ia rido na
cara da pessoa.

— CHARLIE SPRING!

Enquanto entro no forte de cartão, à porta do qual
se lê uma faixa a dizer «WILDCATS», o Harry Greene
aproxima-se, de braços abertos. Está vestido de *cheer-
leader* do *High School Musical*, mas o tamanho da roupa
é para crianças de doze anos, e a quantidade de coxa à
mostra é provavelmente muito mais do que o apropria-
do para a escola.

O forte é enorme: usaram o espaço de dois cam-
pos de ténis. Além da quantidade hilariante de caixas
de cartão, também roubaram pelo menos dez mesas de
várias salas de aula e têm um churrasco completa-
mente funcional organizado entre os dois campos. Algumas
pessoas estão a distribuir hambúrgueres e pão. Num
canto, ouve-se Vampire Weekend a sair de uma colu-
na sem fios. A maioria, se não mesmo todos, do 12.º
ano está aqui. É um grupo *enorme* comparado com o

restante da escola — a maioria das finalistas do Liceu Higgs transferiu-se para o Truham depois do grande incêndio do Higgs ter destruído alguns dos edifícios escolares. É uma longa história.

O Harry pousa as mãos nas ancas e sorri-me, trocista.

— Que achas?

Harry Greene, um rapaz muito baixo, com cabelo muito armado, é provavelmente o indivíduo mais conhecido do liceu, tanto pelas suas muitas festas, como pelo facto de nunca, mas nunca, se calar.

Arqueio as sobrancelhas.

— Do forte ou das tuas coxas?

— As duas coisas, mano.

— Estão ótimas — respondo, sem expressão. — Bom trabalho. Continua.

Harry dá um passo ao lado e aproxima-se.

— Eu sabia que a saia era uma boa escolha. Devia fazer isto mais vezes.

— Definitivamente.

O Harry costumava ser maldoso — um dos muitos rapazes mais velhos que me lixavam a vida quando eu era mais novo e era o único miúdo assumido da escola. Mas felizmente, com o tempo, foi-se apercebendo

de que ser homofóbico não é fixe. Não que o tenha perdoado. O Nick e eu ainda achamos o Harry um grandessíssimo asno.

— O Shannon mandou-te? — continua o Harry, ainda na defensiva. — Vieste acabar com a festa?

— Tecnicamente, sim.

— Vais fazer isso?

— Obviamente que não.

Ele acena com a cabeça.

— Vais chegar longe, mano. Vais chegar longe.

Por norma, é fácil encontrar o Nick no meio de uma multidão, mas hoje quase toda a gente está de vermelho. Algumas pessoas claramente não se deram ao trabalho, como a minha irmã Tori, sentada a um canto do asfalto azul, a conversar com uma amiga, Rita. Está com o uniforme preto do Truham, mas, com exceção dela e de mais um grupo, todos os outros formam uma enorme massa vermelha.

— O Nick está ali.

Volto a olhar para o Harry; está a apontar para o canto esquerdo mais afastado, com o seu sorriso trocista. Depois, começa a dirigir-se para lá, cantarolando entre dentes: *We're All in This Together*, e eu sigo-o.

— NICK, MANO! — O Harry grita por cima da multidão. Todos estão com comida ou copos de plástico vermelhos nas mãos, ou a tirar fotos uns dos outros.

E ali está ele.

Vira-se de um pequeno grupo de colegas, com uma expressão ligeiramente confusa, como se não tivesse bem a certeza se estaria a imaginar a voz do Harry.

Namoro com o Nick Nelson desde os catorze anos. Ele gosta de râguebi e de Fórmula 1, de animais (cães, em particular), do universo Marvel, do som das canetas de feltro no papel, de chuva, de desenhar nos sapatos, da Disneyland, e de minimalismo. Também gosta de mim.

Tem o cabelo loiro escuro e os olhos castanhos, e é cinco centímetros mais alto que eu, se é que esse tipo de coisa interessa. Acho-o muito atraente, mas talvez seja só a minha opinião.

Quando ele nos vê, acena com entusiasmo, e quando, por fim, chegamos ao pé dele, olha-me e pergunta:

— Tudo bem?

A roupa *High School Musical* do Nick resume-se a uns calções de ginásio vermelhos e brilhantes e a uma camisola sem mangas, vermelha. Prendeu ao peito um papel

